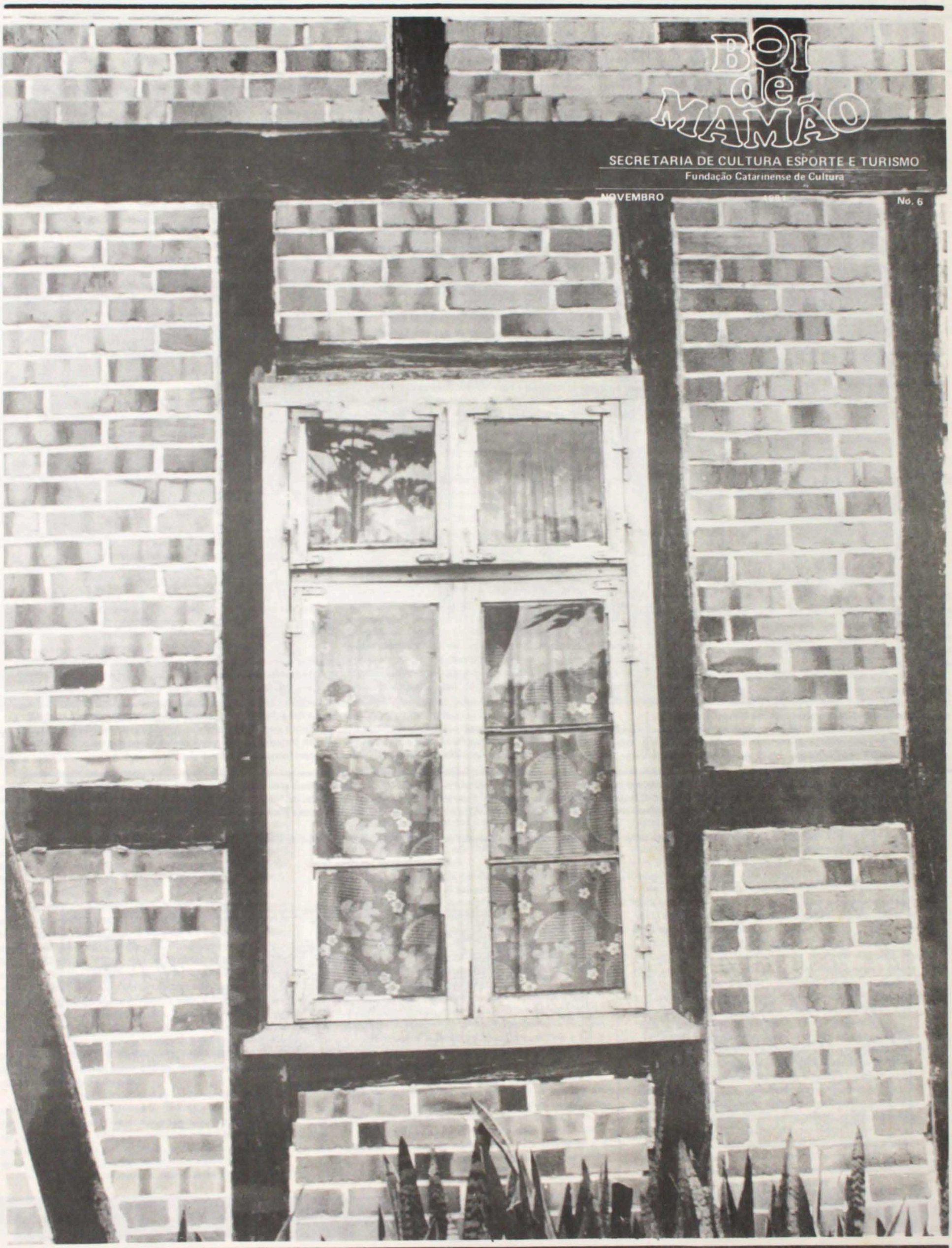
Prof. Dr. Lauro Junkes
Presidente da ACL
DOAÇÃO



BOI de MAMÃO

SECRETARIA DE CULTURA ESPORTE E TURISMO
Fundação Catarinense de Cultura
NOVEMBRO 1981 No. 6

COLONIZAÇÃO ALEMÃ EM SANTA CATARINA

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

BOI de MAMÃO

Edição da Fundação Catarinense de Cultura
Rua Victor Konder, 71
88.000 — Florianópolis, SC

Diretor-Responsável: João Nicolau Carvalho

Editor Chefe: João Paulo Silveira de Souza

Edição Especial Coordenada pela Unidade de Patrimônio da Fundação Catarinense de Cultura

Conselho Consultivo: Alcides Buss, Carlos Humberto Corrêa, Celestino Sachet, Doralécio Soares, Harry Laus, Holdemar Menezes, Jair Francisco Hamms, Laudelino Santos Neto, Lauro Junkes, Lindolf Bell, Marcos Konder Reis, Nereu Corrêa, Nereu do Vale Pereira, Osmar Pisani. Osvaldo Mello Filho, Paulo Costa Ramos, Salomão Antonio Ribas Júnior, Silvio Coelho dos Santos, Theobaldo Costa Jamundá.

Composição do Texto: Débora Inocêncio, Lenir L. Silva Arlete Raupp, Vilmar Mickeluzem e Zalmir Pereira.
Serviços Gráficos: Neri Marçal
Revisão: Tereza Aguiar, Salete Caset, Marise Andrade, Dácio Osti, Raquel, Maria F. Campos, Laureci Maciel.

Diagramação e arte: Marcos Rodrigues Malta (Marquito)

Composto e Impresso nas Oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (IOESC) — 1981

FALANDO DE ALEMÃES NO BRASIL

Theobaldo Costa Jamundá

NA GRANDE TELA DO PROGRESSO BRASILEIRO

A contribuição alemã, seja pela criatura ou seja pela língua, é tão significante no engrandecimento brasileiro, que escapa à limitação superficial ou a diatribe impulsiva.E ao mesmo tempo é tão e forte e definida, que se pode detectar o que é originado naquela, mesmo na fervura do caldeirão da nacionalidade. Se queira ou não ela aparece na autenticidade inconfundível.

Antiga e bem brasileira a conceituação de valor maior para quem dominava ou domina leituras científicas ou outras naquela língua; como também para os que portavam ou portam a herança social dos germânicos. Entretanto, nem todos nós fomos informados, suficientemente, que na madrugada do processo da civilização brasileira, lá estavam alemães como: Hans Staden, Ulrich Schmiedel, o conde Mauricio de Nassau (tão íntimo das simpatias pernambucanas) o tenente-general Böhm, (comandante-geral das tropas em operação contra os "Espanhóis Confinantes" (1774-1777) onde também esteve em ação o Regimento d'Infantaria de Linha da Província de Santa Catarina). Deixaram os nomes na História e estão consagrados na gratidão brasileira muitos outros salientados em campo de atividades, nem sempre ao alcance popular como o Barão Eschwege, o cientista e diplomata Langsdorff, o botânico Sellow, o cientista Martius, o botânico Riedel, o paisagista Ender, o pintor Rugendas, o jornalista e político von Koseritz. Este último merece que se diga: foi inigualável como alemão útil aos patrícios, no processo do abrasileiramento. E para exaltação da tradição cultuada em Santa Catarina, fica destacado na História da Imigração Brasileira, o colonizador particular Hermann Bruno Otto Blumenau, que não copiou um modelo nem até hoje foi copiado como líder de uma colonização bem sucedida.

NA TELA DO PROGRESSO CATARINENSE

O detalhe de que as presenças alemães, da língua e da criatura, são bem visíveis onde eles têm dominância cultural, é muito claro, precisamente, nos territórios dos estados brasileiros do Sul. Dentro dos limites do estado de Santa Catarina, este detalhe é a substantivação de um catarinensismo. E é autêntico por ser formação híbrida: a ecologia da Mata Atlântica e a Criatura do Norte da Europa. E este catarinensismo é visto como cartão postal, mas só é entendido por que aceita o seu convite para viver na sua domesticidade. No comum, ele é apresentado através a paisagem humana, que é, ao mesmo tempo, complexo e caldeirão — comunidade — caldeirão — onde ebule mostras da cultura espiritual, material, religiosa e política; conceitos, costumes, hábitos, bens produzidos pela criatividade, culinária, petrechos, calendário do tempo e o próprio tempo do calendário; manifestações sociais em destempero e manifestações sociais sendo temperadas.

E tudo assim de modo tal como sendo a Comunidade Caldeirão a mais interessada em ter, à disposição de todos, os ângulos fotogênicos para o filme: Brasil Diferente.

OS PIONEIROS CONTINUAM NOS ASCENDENTES O COMPROMISSO COM O PROGRESSO

Gente de fala e origem do grupo chamado germânico, entrou no território catarinense por Nossa Senhora do Desterro, São Francisco do Sul, Itajaí e Laguna. Como 635 pioneiros entrando por desembarque na Ilha de Santa Catarina para formar a colonização de São Pedro de Alcântara, gente dessa fala e dessa origem estava com os pés no chão e compromissada com o progresso brasileiro. E desde aquele 1o. de março de 1829 até quando viveu não desonrou o compromisso. E deixando a vida enraizou a tradição. Imortalizada nos ascendentes continuou compromissada com o progresso brasileiro.

Só vinte e um anos depois o colonizador Hermann Bruno Otto Blumenau iniciava a sua colônia particular. A de Joinville com o nome de Dona Francisca apareceu distanciada em 22 anos. Contudo foram elas as colônias alemãs da década de 50 do século passado, que apresentaram a paisagem humana global exibidora das potencialidades do TRABALHO ALEMÃO: prova de cultura dominante embora com outras culturas no contexto. É naquela paisagem diferenciada da luso-brasileira rural onde se encontra a fotogenia motivadora por causa das suas igrejas, suas escolas, seus cemitérios, seus casarões de atividades produtivas, suas sociedades recreativas, suas cercas vivas de fruteiras ou plantas florescidas, seus animais e suas aves, seus jardins com lírios, mamoeiros e plantas medicinais. Dir-se-ia que o observador sente como olhasse através do caleidoscópio montado por criatura humana. E no campo da sua visualidade no foco da cultura dominante a casa de morar. E mais saliente aparece se é de enxaimel, sem dúvida fruto de uma arquitetura ajustada ao artístico porém também sendo a que é solução para morar na propriedade familiar rural situada em vales estreitos e na ecologia da Mata Atlântica. É claro, que não é privativa da gente alemã. Entretanto se anote foi da Saxônia originária a gente que a preferiu. Na preferência o conseqüencial existiu: os materiais para construção ficavam ao alcance dos braços e de alguns passsos. Sem precisar de engenhosa carpintaria sofisticada apareceu, na paisagem humana numa fase da evolução econômica. E tão adequada como funcional adquiriu tipicidade. Depois da 2a. GUERRA vem sendo substituída pelo bangaló introduzido pelos desenhistas de plantas residenciais. A fase da nova situação econômica colocou-a como elemento indicado para os planos de preservação de BENS CULTURAIS.

SEMENTE EUROPÉIA PARA ÁRVORE BRASILEIRA, A SEMENTE BRASILEIRA DA ÁRVORE EUROPÉIA JÁ NA HISTÓRIA

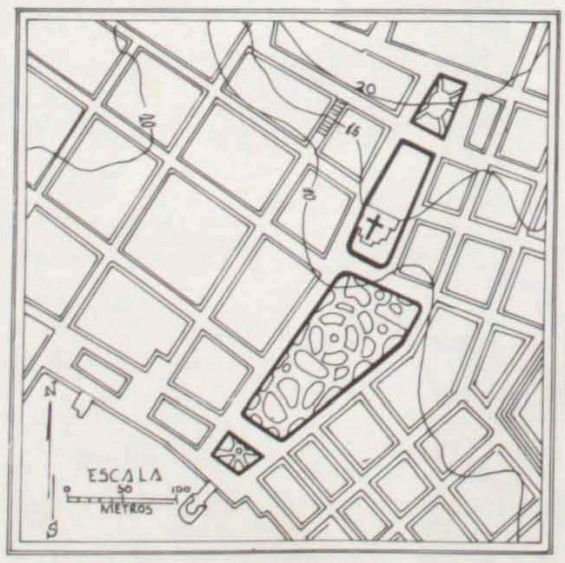
E naquela paisagem rural da poemática CASA DE ENXAIMEL ou outra de gerânios vermelhos contrastantes com o verde circundante (as cores catarinenses combinadamente) onde a dominância cultural foi dos germânicos, os pioneiros legaram aos ascendentes os frutos colhidos; os herdeiros assumiram a preservação das árvores já multiplicadas com as sementes dos primeiros frutos colhidos. Compromissados com fio da sucessão tornaram a plantar a semente para planta e para frutos. Assim também as colonizações bem sucedidas, foram multiplicadas em outras comunas com dignidade municipal.

Aí o orgulho e a altivez, tão próprios da germanidade, sendo dela mesma intrínsecos valores, estimularam o civismo, a religiosidade, a capacidade de trabalho, a criatividade material.

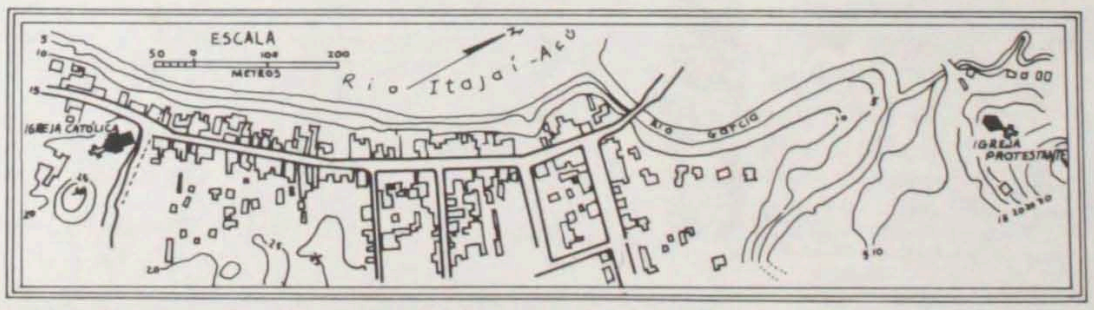
E o elogio vindo de fora salientando que era gente de boa morada, de caminhos sempre trafegáveis, de ruas limpas, de ajardinadas entradas para o lar, de despensas com alimentos, os vidros de boca larga com conservas estimulantes, carnes defumadas, queijos, manteiga e doces, é natural, que poliu e fermentou o brio. E no germânico o brio é medular. Então este elogio também contribuiu no amadurecimento e na participação do catarinensismo, que é a sua própria paisagem humana.

Estudando-se as cidades do Estado de Santa Catarina fundadas até meados do século passado, nota-se a persistência de dois tipos de plano urbano: um, o mais difundido, tem como elemento predominante a praça central que emoldura a igreja; o outro, mais raro, adapta-se ao relevo, partindo do centro comercial. As cidades de Florianópolis e Lages são exemplos do primeiro; Joinville e Blumenau, do segundo. Vemos aqueles núcleos urbanos como cidades portuguesas, e estes, como cidades alemãs, atribuindo seus planos, respectivamente, às culturas lusa e germânica.

(extraído do livro Tradição e Plano Urbano — cidades Portuguesas e Alemães no Estado de S. Catarina — 1953 de Victor A. Peluso Júnior.)



Situação da Catedral de Florianópolis em relação ao traçado e ao relevo.



Templos católico e protestante em Blumenau

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

AS DUAS VERTENTES DO BEM CULTURAL

ALOÍSIO MAGALHÃES

TEAR — Museu do Ar, Livro de Prisma

A definição de uma nova política cultural por parte do Ministério da Educação e Cultura vinha se delineando, ultimamente, no que diz respeito a uma redefinição de competências institucionais no âmbito do próprio Ministério.

Pode-se considerar que os caminhos deste novo desenho começaram a ser vislumbrados a partir da criação da Secretaria de Assuntos Culturais (SEAC), em 1978, e, mais fortemente, a partir da fusão do antigo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) com o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC) e com o Programa de Cidades Históricas (PCH) da SEPLAN-PR, que vieram formar a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e a Fundação Nacional Pró-Memória (Pró-Memória), em dezembro de 1979.

Na verdade, criavam-se, ainda, as bases institucionais para o estabelecimento de duas vertentes distintas para o trato do bem cultural. De um lado, a vertente do bem patrimonial, preocupada em saber guardar o já cristalizado em nossa cultura, buscando identificar esse patrimônio, recuperá-lo, preservá-lo, revitalizá-lo, referenciá-lo e devolvê-lo à comunidade a que pertença. Do outro lado, a vertente da produção, circulação e consumo de cultura, voltada para a dinâmica da produção artística nos vários setores, como literatura, teatro, música, cinema, artes plásticas, etc., na qual se está atento para captar o que ocorre na realidade brasileira e estimular onde for necessário, para mais tarde, eventualmente, verificar o que, do material assim obtido, cristalizou-se e incorporou-se à dimensão patrimonial.

Isto é, no primeiro caso, está se cuidando dos bens culturais que — sem perder seu caráter dinâmico e vivo — já atingiram um grau de estabilidade e permanência maior; ao contrário dos segundos, cuja característica principal é a grande dinâmica, atualidade e mobilidade, o que também não impede de, no futuro, virem a ter estabilidade e permanência.

Em termos institucionais, a distribuição dos órgãos do MEC não correspondia exatamente a esta divisão entre as duas vertentes (por exemplo, órgãos claramente patrimoniais, como alguns importantes museus, estavam na SEAC e não na SPHAN) e, além disto, não havia a necessária interação conceitual e operacional entre as duas secretarias.

Agora, ao assinar a Portaria No. 274, de 10 de abril de 1981, criando a Secretaria da Cultura (SEC), "por transformação das Secretarias do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e de Assuntos Culturais (SEAC)", o Ministro Rubens Ludwig fornece o necessário respaldo institucional para que se tenha, no MEC, um único órgão central, de direção superior, na área da cultura.

A fim de viabilizar a idéia das duas vertentes, a Secretaria da Cultura conta com duas subsecretarias. A Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) é a legítima continuidade do trabalho iniciado em 1937, quando da criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e a ela compete aprovar, dirigir e coordenar os programas, projetos e atividades referentes ao inventário, classificação, tombamento, cadastramento, conservação e restauração dos bens de interesse natural e cultural.

Por seu lado, à Subsecretaria de Assuntos Culturais (SEAC) compete planejar, coordenar e supervisionar a execução de atividades de estímulo às manifestações culturais, dando apoio às entidades federais, estaduais, municipais e privadas, evitando duplicidade de atuação. Ela poderá, ainda, executar, supletivamente, projetos culturais cuja exemplaridade ou necessidade de coordenação assim o recomende.

A fim de descentralizar suas atividades e agilizar sua atuação, a Secretaria da Cultura conta ainda com duas fundações, correspondentes às duas subsecretarias, às quais fica reservado o papel de articular e dinamizar seus respectivos sistemas. São elas a Fundação Nacional de Arte (Funarte) e a Fundação Nacional Pró-Memória (Pró-Memória), que se reportam, respectivamente, à SEAC e à SPHAN.

A Pró-Memória tem ainda os Museus da Inconfidência, do Ouro, de São João del Rei, do Diamante, de Caeté, das Bandeiras, das Missões, da Imigração, de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá, de Arte Sacra de Santa Rita e mais quatorze casas históricas em diversos estados. Por seu lado, a Funarte abriga os Institutos Nacionais de Música, de Artes Plásticas e do Folclore.

Além disto, fazem ainda parte do sistema a Biblioteca Nacional, o Museu Histórico Nacional, o Museu Imperial, o Instituto Nacional do Livro, a Fundação Joaquim Nabuco, a Fundação Casa de Rui Barbosa, a Empresa Brasileira de Filmes S/A, o Serviço Nacional de Teatro, o Museu Nacional de Belas-Artes e o Museu Villa-Lobos.

Espacialmente, pelo território nacional, a Secretaria da Cultura contará com diretorias regionais e representações, às quais competirá executar as atividades das subsecretarias em suas respectivas jurisdições.

Não se trata, como já foi dito diversas vezes, de criar um ministério da cultura, embora não se possa descartar esta idéia para um futuro ainda distante, quando o avanço do processo brasileiro vier a exigir a separação entre educação e cultura. Mas, por enquanto, isto é prematuro e indevido, pois um ministério da cultura seria fatalmente um órgão fraco, tanto do ponto de vista financeiro quanto do conceitual.

Por enquanto, em nosso país, não se pode divorciar cultura e educação, mas, muito ao contrário, é necessário incentivar o estreitamento das relações entre as duas áreas, em virtude do papel primordial que o processo cultural desempenha no educacional, à medida que uma educação desprovida de seu contexto sócio-cultural não passa de mera técnica sem grande utilidade ou a serviço da progressiva perda de identidade nacional. Não há desenvolvimento harmonioso e nem se faz uma nação forte, se, na elaboração das políticas econômicas do País, não são levadas em consideração as variáveis culturais e o papel que aí desempenha o sistema educa-

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

cional.

Essas as idéias básicas que nortearam a criação da Secretaria da Cultura e que informarão seus planos, programas, projetos e atividades. O que, de resto, coloca-se de acordo com o *III Plano setorial de educação, cultura e desportos para 1980 – 1985*, onde se lê que "na esfera da *cultura*, o objetivo fundamental é o desenvolvimento cultural, concebido como uma das dimensões essenciais da ampla democratização da vida brasileira e voltada essencialmente para os setores menos favorecidos da população, numa perspectiva antielitista, comprometida com o conhecimento, a preservação e a dinamização dos valores culturais básicos do povo."

Tudo isto está de acordo também com as duas áreas que o MEC considera como prioritárias, de acordo com o documento *Diretrizes de planejamento do MEC – programação para 1982*, e que são exatamente a *educação básica e o desenvolvimento cultural.*

A definição da educação básica e do desenvolvimento cultural como áreas prioritárias do MEC, tendo como referência os quadros culturais brasileiros específicos e o comprometimento do Ministério em direcionar suas ações em consonância com a política social do Governo de reduzir as desigualdades sociais e regionais e de fomentar o processo de democratização da sociedade, é uma contribuição, dentro de sua esfera de competência, para a busca de formas de desenvolvimento que reforcem a nossa identidade cultural.

Nesse sentido, o desenvolvimento cultural deve ser entendido como a busca de uma trajetória de evolução que objetiva elevar de forma harmoniosa e coerente a qualidade de vida da comunidade brasileira. Como, no Brasil, o espaço cultural se caracteriza pela pluralidade e diversidade de culturas, para cumprir seu objetivo essa trajetória deve ter como base a compreensão das dinâmicas culturais existentes e o respeito aos valores de várias naturezas em que estas se apóiam.

CASA DA CARIOCA – Laguna, SC.

Assim, com a finalidade de desenvolver, na área da educação básica, os fundamentos de um processo voltado para a busca de uma coerência com os pressupostos acima referidos, torna-se necessário que as ações educativas absorvam o conteúdo das culturas específicas a que se dirigem e que sejam geradas e operacionalizadas com a participação da comunidade, garantindo, por esse meio, que o processo de apreensão de outros conteúdos culturais se faça a partir dos valores próprios da comunidade, criando ao mesmo tempo as condições para haver sincronia entre as dinâmicas cultural e educacional, esta sempre balizada por aquela.

A experiência no trato com fenômenos culturais tem conduzido à apreensão prática da existência de diferentes complexos culturais brasileiros e, sobretudo, à constatação da validade de suas manifestações, seja do ponto de vista de sua real importância como fator de afirmação da identidade local, regional e nacional, seja do ponto de vista de se constituírem em ricas potencialidades para um harmônico desenvolvimento econômico, social e cultural das comunidades.

De fato, pode-se constatar a existência de inúmeras tentativas, aparentemente excelentes de um ponto de vista técnico, mas que fracassaram em seu objetivo de elevar o nível de vida das comunidades, exatamente por deixar de levar em conta as especificidades da dinâmica cultural em que estas estavam inseridas.

Impõe-se, portanto, a necessidade de atribuir-se a devida importância aos diferentes contextos culturais existentes no País e com os quais as ações educativas devem iniciar um processo de maior interação. O espaço educativo onde se processa a aprendizagem deve ser o espaço da interação das diferentes culturas que compõem o universo cultural brasileiro.

Esta é a idéia que, segundo a Secretaria da Cultura, deve nortear as ações que visem a melhorar a produtividade dos sistemas de ensino, tais como a elaboração de novos currículos, a introdução de novas metodologias, o aperfeiçoamento de docentes, a elaboração de materiais didáticos, a implantação do programa de merenda escolar e a ampliação ou implantação dos serviços de supervisão.

Para isto, torna-se necessário que as ações propostas, seja a nível do MEC, seja a nível das unidades estaduais, se integrem não apenas operacionalmente, mas sobretudo conceitualmente.

Mais uma vez voltamos a Mário de Andrade, quando dizia que o ensino primário "é imprescindível, mas são imprescindíveis também os institutos culturais em que a pesquisa vá de mãos dadas com a vulgarização, com a popularização da inteligência". O espírito que informa hoje a Secretaria da Cultura é, de certa forma, o mesmo daquela época em que Mário de Andrade traçava para o Ministro Gustavo Capanema as linhas básicas de um serviço de proteção ao patrimônio e, ao mesmo tempo, eram criados muitos dos órgãos que hoje estão ao abrigo da SEC.

Assim é que, articulando dinamicamente as duas vertentes de tratamento do bem cultural, e estas, por sua vez, com o processo educacional, a Secretaria da Cultura se apresenta como instrumento de política cultural adequado ao que a realidade do processo de desenvolvimento brasileiro exige neste momento.

O bem patrimonial cristalizado e a dinâmica da produção artística fundamentam a política da recém-criada Secretaria da Cultura do MEC.

PRENSA DE ENGENHO – Museu ao Ar Livre de Orleans

Reproduzido da Revista CULTURA, ano 10, No. 36, Abril / Junho. 1981

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

ARQUITETURA EM SANTA CATARINA
NAS REGIÕES DE COLONIZAÇÃO GERMÂNICA

CAUSAS DA IMIGRAÇÃO

A imigração está ligada ao processo de transformação do regime de trabalho na sociedade brasileira durante o século XIX. A necessidade de substituição da mão-de-obra servil, quer a nível de grande propriedade agrícola quer a nível do artesanato e de pequenas manufaturas, foi sentida pela administração imperial que assistia ao progresso do Brasil, recém-saído do sistema colonial.

A isso podem-se acrescentar as pressões da Inglaterra que provocaram a extinção gradativa da escravidão no Brasil.

Problemas de segurança, devido ao despovoamento de certas áreas do País, também levaram à criação de núcleos coloniais destinados a ocupar pontos estratégicos ao longo de vias de comunicação entre as províncias do sul do Império.

Vimos surgir durante o século passado um conjunto de leis que protegiam e incentivavam a imigração para o Brasil, tais como: a extensão do direito de propriedade a estrangeiros, facilidades para a naturalização, a dispensa de impostos e prestação de serviço militar, a concessão de auxílios em dinheiro, ferramentas, e outras.

Podemos considerar que o sistema de fixação de colonos em pequenas propriedades no Brasil meridional está diretamente relacionado com o sucesso econômico e social desse empreendimento.

*

Dentre as diversas correntes imigratórias que fluíram para o Brasil, a vinda dos povos genericamente chamados germânicos para Santa Catarina constituiu-se numa experiência importante em função dos frutos gerados que até hoje repercutem a nível nacional.

Vários fatores internos inerentes à estrutura dos estados alemães no século XIX concorreram como determinantes de expulsão das populações que procuraram a Austrália e países da América, principalmente EUA, Canadá, Argentina e Brasil:

- A instabilidade política decorrente da sujeição dos pequenos estados a Napoleão e do Congresso de Viena que restabeleceu os privilégios feudais no campo, provocou um grande anseio de evasões em todas as classes populares.
- Os ciclos das revoluções que eclodiram na Europa entre 1830 e 1850, a repressão às associações libertárias e constitucionalistas impeliram também à imigração um grande número de intelectuais e pessoas de todos os níveis sociais.
- Razões econômicas decorrentes do atraso da Revolução Industrial na Alemanha antes de 1860, das barreiras alfandegárias que entravavam a integração comercial, da taxação exorbitante do povo, das más colheitas que ocasionavam fome, concorreram também para a transferência em massa de populações germânicas para a América.

A estes fatores podemos acrescentar a ação das companhias colonizadoras que, juntamente com as companhias de navegação, desenvolviam intensa propaganda do Brasil na imprensa alemã e através de folhetos informativos.

FIXAÇÃO DAS CORRENTES GERMÂNICAS EM SANTA CATARINA

Três foram os pólos de irradiação da colonização alemã para Santa Catarina: São Pedro de Alcântara, Joinville e Blumenau.

São Pedro de Alcântara, a primeira experiência, foi estabelecida em 1829, na antiga estrada que ligava Lages e Desterro, localizada no vale do rio Imaruí.

*

O estabelecimento da colônia D. Francisca pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo em 1851 foi o núcleo de onde se irradiou a ocupação da maior parte do nordeste do Estado. De sua expansão para o norte e oeste, através da Estrada D. Francisca e outras, surgiram Anaburg (1852), Pirabeiraba (1859), São Miguel (1872) e São Bento e suas ramificações (1873).

O empreendimento colonizador do Cel. Jordan, que estabeleceu imigrantes em Jaraguá entre 1876 e 1897 e a fundação de Hansa (Corupá) em 1897, bem como a expansão de Joinville para o sul, através de Vila Nova e Guaramirim, completaram no fim do século passado o quadro geral da ocupação do nordeste do Estado.

*

A colônia do Dr. Blumenau, instalada em 1850, irradiou-se por todo o vale do Itajaí formando direta ou indiretamente Indaial (1860), Timbó (1868), Pomerode (1860), Massaranduba, Ibirama (1897), Rio do Sul, Benedito Novo, Brusque (1860) e Guabiruba.

*

Também devemos citar as correntes germânicas que entraram no Estado vindas do Rio Grande do Sul, através dos rios Uruguai, do Peixe, Irani, etc.

Os imigrantes ditos germânicos vinham, de uma maneira geral, de todos os estados alemães, bem como da Prússia, Áustria e em menor número da Suíça, Noruega, Luxemburgo e França.

Os colonos apresentavam um nível de vida superior ao das populações brasileiras e entre a maioria de agricultores aparece grande quantidade de pessoas de origem urbana, de classe média ou de formação artesanal, operária, comercial e intelectual.

No final do século XIX aumenta o número de imigrantes não agricultores, inclusive com mentalidade mercantil e industrial, nas colônias do norte do Estado. Entre as profissões especializadas havia um grande número de marceneiros, carpinteiros, pedreiros, fabricantes de carros, de canoas, ferreiros, alfaiates, sapateiros.

ORIGEM DA OCUPAÇÃO DO SOLO PELO IMIGRANTE ALEMÃO

A ocupação do solo pelo imigrante deu-se com a abertura das primeiras picadas que possibilitaram a divisão da terra em

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

propriedades agrícolas ao longo desses caminhos. As primeiras unidades chegaram a atingir 75 ha, havendo posteriormente uma redução para 25 a 30 ha de área. Com frentes estreitas de 100 a 200 m, seus limites frontais se faziam através das picadas ou rios e os dos fundos com o nível mais alto dos morros.

Isolados espacialmente das regiões ocupadas em Santa Catarina, a fase de implantação das colônias corresponde a um estágio em que o imigrante está totalmente condicionado aos recursos provenientes da natureza, como o vento e a força da água, e dela deve extrair os meios de subsistência assim como os materiais para a elaboração da sua habitação. Os sistemas produtivos estavam totalmente relacionados ao potencial da região e às práticas rudimentares para a construção de um abrigo indispensável à sobrevivência das famílias dos imigrantes.

Diante desses fatos, a casa definitiva não foi possível num primeiro momento – para sua construção foram precisos alguns anos em abrigos de caráter provisório. Esses primeiros tetos foram grandes galpões com instalações **plurifamiliares** de iniciativa das Companhias Colonizadoras, as quais tiveram uma importância decisiva na organização comunitária, fornecendo os primeiros alimentos e administrando a vida da colônia.

Surgem depois as primeiras habitações **unifamiliares** de caráter provisório: desde toscos abrigos que mal protegiam contra os ventos e as chuvas até pequenos ranchos que usualmente tinham sua estrutura de troncos de palmeiras cobertas de palha ou folhas de palmeiras e vedações feitas de material leve (barro ou capim). O mobiliário era tosco, formado de pedaços de troncos, caixões vazios e baús, e a iluminação de azeite de baleia.

As vilas iniciais e as que apareceram mais tarde nos cruzamentos dos caminhos eram alongadas, quase sempre acompanhando os rios, e funcionavam como sede da administração colonial, centro de comércio, local de culto, da vida social, além de serem ancoradouro e convergência dos caminhos coloniais mais importantes.

É importante salientar que as origens da ocupação do solo nas colônias alemãs tiveram um caráter acentuadamente rural. Em 1858, quando Robert Avé-Lallemant visitou a "cidade de Blumenau" ficou admirado com a ausência de edifícios públicos e a distribuição das casas na cidade. De Joinville, comenta o grande espaçamento entre as construções e que o conjunto lembra menos uma cidade do que as casas ajardinadas de um subúrbio rico.

Nessa fase o lote, cada sítio, é a unidade básica do sistema de produção e consumo. Praticava-se a policultura de subsistência baseada no trabalho familiar; cada pequena propriedade produzia exatamente os mesmos alimentos: milho cana, mandioca, aipim, feijão, hortaliças, frutas, e se desenvolvia a pecuária de forma incipiente. Sua renda podia ser complementada através de formas secundárias de trabalho, como a abertura de picadas, carpintaria, ferraria e o fornecimento das madeiras para as serrarias. O caráter inicialmente agrícola, aliado a uma ocupação do solo de forma isolada, produziu em termos espaciais uma paisagem rural marcada por grandes espaços vazios e uma menor concentração nas áreas urbanas.

A CONSTRUÇÃO DA CASA DEFINITIVA

Após o assentamento definitivo, num período variável de aproximadamente 10 a 30 anos depois do estabelecimento da colônia, o artesanato e as indústrias familiares de transformação começam a evoluir.

Construção em enxaimel, na área rural do município de Guabiruba.

O beneficiamento de produtos agropecuários dentro da propriedade familiar cresce em função de um mercado local e regional; produz-se principalmente açúcar, cachaça, farinha de mandioca, fubá, charutos, laticínios, banha, vinhos, doces de frutas. Crescem também as olarias, serrarias e cervejarias. Os engenhos e serrarias eram movidos por força hidráulica e animal e eram construídos por carpinteiros especializados.

Aumentam as estradas de rodagem, agora carroçáveis.

O excedente econômico vindo da agricultura acumulou-se nas mãos dos comerciantes que partiam de modestas vendas locais. O vendeiro controla todo o comércio, com base na troca de produtos agrícolas por artigos manufaturados: sal, ferramentas, pólvora, querosene; recebia também sob sua guarda as economias do colono. A venda era também o centro de tomada de decisões comunitárias e de informações. Assim, os vendeiros foram os únicos com condições para acumular capitais de vulto.

Esse processo teve uma peculiaridade em Joinville, onde o excedente econômico provém da comercialização e beneficiamento da erva-mate vinda em carroções do planalto.

*

Começam então as **habitações de caráter definitivo**, e a técnica construtiva que se impôs nesse período foi o **enxaimel**. Na idade média era essa a tipologia construtiva utilizada na Europa Central. No século XIX o esgotamento das florestas provocou quase que uma paralisação do uso da madeira nos processos construtivos. A casa definitiva em enxaimel foi possível graças à abundância de madeiras nas florestas catarinenses e à continuidade dessa técnica na bagagem cultural do alemão.

O enxaimel foi a técnica e a expressão arquitetônica que predominou nos períodos de maior fluxo da imigração, sofrendo logo depois paulatinamente uma redução na sua qualidade e quantidade com a passagem do século, até sua extinção na 2a. guerra.

Seu significado consiste basicamente na estrutura de peças de madeira horizontais, verticais e inclinadas, articuladas entre si, formando um sistema rígido e preenchido com materiais de vedação, sem função estrutural.

Sofisticada e diversificada no seu aspecto formal e funcional na Europa, sua adaptação ao espaço catarinense teve como resultado a **simplificação** e **semelhança arquitetônica** nas diversas áreas de colonização alemã localizadas no vale do Itajaí e nordeste do Estado. **Nessas regiões as construções têm maior riqueza formal e estão distribuídas na área rural, antigas vilas**, hoje sedes de municípios, e na periferia ou centro da área urbana. Sua maior utilização se verifica no setor residencial e em **menor número estão as casas de comércio, os salões para atividades sociais, as escolas e as pequenas fábricas.**

*

Hotel e Restaurante no centro de Pomerode

Em direção ao sul, onde se localizaram as primeiras colônias a partir de São Pedro de Alcântara em 1829, e onde ocorreu uma maior penetração dos portugueses, se observam algumas diferenciações em relação aos outros núcleos, como cobertura dos telhados com inclinações menos acentuadas, a presença quase que exclusiva da telha canal, redução do uso da madeira na estrutura, ausência quase que completa da varanda, acabamento rudimentar. Como resultado, surgiram modelos simplificados e rústicos localizados em áreas de caráter essencialmente rural. Com a preservação de suas características agrícolas, os sítios apresentam-se como unidades autônomas e vinculadas a uma produção de hortigrangeiros. Em sua área urbana pouco desenvolvida a arquitetura muitas vezes teve como conseqüência o recobrimento total da casa em enxaimel.

AS CONSTRUÇÕES EM ENXAIMEL

A construção em enxaimel no espaço catarinense ainda possui um acervo bastante significativo, principalmente na área rural, onde foram mais reproduzidas e menos destruídas,

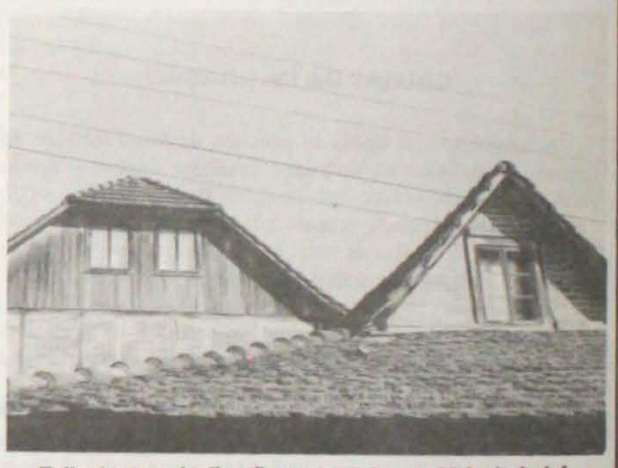
Detalhes construtivos, de antigas casas no Vale do Itajaí.

pois as novas mudanças do século XX não atingiram diretamente as construções rurais. Em menor quantidade, na área urbana, normalmente desfiguradas pela redução dos terrenos ou perda das suas características originais.

Com expressões arquitetônicas que variam desde construções singelas até verdadeiros virtuosismos na construção, sua configuração final se torna bastante semelhante **devido à repetição de certos padrões construtivos e estéticos.**

Nos aspectos de implantação nota-se a despreocupação no assentamento com tendência ao isolamento no terreno de forma orgânica, telhado paralelo à rua e a presença de algumas benfeitorias, localizadas preferencialmente nos fundos da casa, construída de materiais pouco resistentes, como as estrebarias, oficinas, forno para cozer o pão e poço, as quais faziam parte das instalações domiciliares.

Nos seus aspectos formais, verificamos que seus perfis são sempre marcados por **telhados com inclinações acentuadas**, possibilitando o aparecimento de um sótão em toda a extensão da casa.



Telhados com inclinações acentuadas, no Vale do Itajaí.

A estrutura de madeira bem dimensionada é sempre preenchida por tijolos na cor natural avermelhada, contrastando com o preto do madeiramento e o branco da argamassa.

Em alguns casos, o imigrante tirou partido da situação de vedação dos tijolos e o utilizou como elemento decorativo com a composição destes nos painéis em posição diferentes, ou através da colocação de tijolos de tonalidades diferentes.

Tipo de cobertura bastante comum na região: telhas planas e beiral com terminação em peças de madeira chamadas "cachorros"

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

No cruzamento das madeiras, para amarração das mesmas foram utilizados pinos de madeira ao invés de pregos, provavelmente porque eram mais caros e raros.

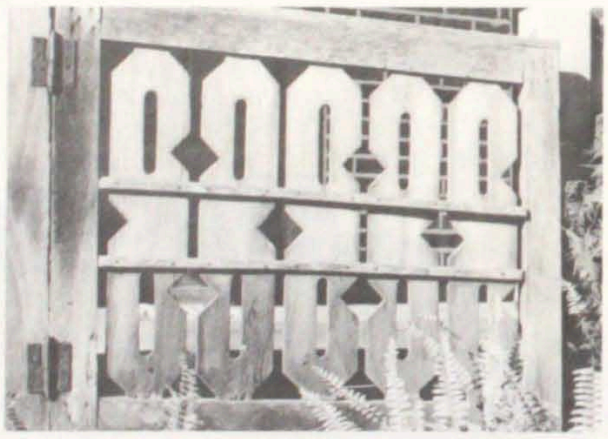
O piso alto do chão – encontrado em todas as casas – só foi possível graças a esse tipo de estrutura, em que uma das peças, o baldrame, recebe toda a carga dos frechais, cunhais, esteios e escoras e as distribui em poucos apoios de pedras ou tijolos.

Telhados com inclinações acentuadas, no Vale do Itajaí.

O telhado coberto com telhas planas, lisas, conhecidas como telhas "alemãs", e com superfície curva na parte inferior, termina em beirais, onde normalmente **aparecem cachorros de madeira.** Geralmente na forma de duas águas, com oitões nas extremidades laterais, são revestidos com tábuas na posição vertical ou com tijolos. Para a proteção da parte inferior das construções foram construídas saliências de tijolos ou madeira que funcionam como pingadeiras para escorrer a água das chuvas.

As aberturas são sempre do mesmo tamanho, com janelas normalmente "de abrir". As mais antigas e que ainda conservam sua originalidade eram totalmente de madeira. As posteriores e/ou substituídas possuem vidros de pequeno tamanho colocados **em folhas de abrir** para **fora,** encontrando-se em algumas pequenas bandeiras fixas ou basculantes.

A porta principal, localizada normalmente no centro da casa, aparece como elemento altamente valorizado nestas construções. Quase sempre de duas folhas, recebe tratamento especial com motivos neoclássicos nas suas almofadas, complementadas com uma bandeira fixa de vidro com caixilho bastante decorativo. Complementando o acesso principal tiveram presença as escadas de poucos degraus que davam realce



Gradis de madeira, utilizados como proteção e decoração nas varandas (Rua Dr. Blumenau – Indaial).

às portas. Todas as esquadrias recebiam boa ferragem, desenho funcional e aspecto resistente.

*

Internamente os programas são semelhantes e nas mais simples a localização e o número dos compartimentos se repetem. Neste caso encontramos na frente a sala e o dormitório do casal, nos fundos a cozinha e a copa, que dá acesso a uma escada íngreme que leva ao sótão, o qual tem a função de dormitório e/ou depósito de produtos agrícolas. Esta é a casa no seu aspecto básico. A transformação destes espaços se dá pelo aumento de área que possibilita o acréscimo de quartos ao redor da sala, a ampliação dos compartimentos, e muitas vezes o aparecimento de **uma área de lazer** em toda a parte frontal da casa que são as **varandas,** protegidas com **elementos decorativos** de madeira sob a forma **de gradis, lambrequins, treliças, mãos francesas e elementos vazados.** Deve ter sido um espaço que mereceu a maior atenção do imigrante, pois

Gradis de madeira, utilizados como proteção e decoração nas varandas (Rua Dr. Blumenau – Indaial).

essas varandas deram à casa em enxaimel uma característica local: foram adaptações brasileiras na sua expressão com conteúdo arquitetônico germânico.

Varandas com elementos decorativos em madeira (Rua Dr. Blumenau – Indaial).

Da sua forma mais comum encontramos exemplares que se diferenciaram basicamente na estrutura, na concepção dos telhados, na composição das fachadas ou seu aspecto de volumetria.

Varandas com elementos decorativos em madeira (Encano – margem direita – Indaial).

A necessidade de ampliação das áreas internas provocou algumas transformações no seu aspecto original, verificando-se uma ocupação das varandas, acréscimos nas fachadas laterais ou uma duplicação da casa em direção aos fundos.

*

A necessidade de substituição dos materiais devido ao mau estado de conservação ou aos novos hábitos de construir, introduziram elementos de características recentes às antigas habitações, provocando assim sua descaracterização. A perda de resistência dos baldrames levou à utilização de alicerces de

Varandas com elementos decorativos em madeira (Arapongas – Indaial).

tijolos, ao mascaramento da estrutura com cimento ou tijolo, ao uso do reboco externamente, à substituição do telhado por telhas francesas e à renovação das aberturas.

AS TRANSFORMAÇÕES DO INÍCIO DO SÉCULO

A terceira fase da economia que se fez sentir apenas nas colônias do nordeste e Vale do Itajaí é caracterizada pela industrialização iniciada com recursos financeiros oriundos da acumulação de capitais locais e mais tarde obtidos através de laços com a Alemanha.

As transformações artesanais tradicionais evoluíram para a mecanização e surgiram no final do século, indústrias de ferragens, têxteis e fundições, inicialmente em função do mercado local e regional; mais tarde algumas atingiram o mercado nacional.

O tipo de colonização baseada na pequena propriedade criou nessas regiões um mercado de consumo relativamente amplo, pois a estrutura social e econômica bastante democrática possibilitava uma certa uniformidade na divisão da riqueza.

Uma série de outros fatores conjugaram-se ao final do século, dando origem ao processo industrial ocorrido nessas regiões.

Santa Catarina beneficiou-se com a vinda de mão-de-obra especializada que após 1870 deixou a Alemanha em processo de modernização industrial.

Também a maquinária era adquirida, muitas vezes usada, de empresas alemãs, e a matéria-prima, como fios de algodão, placas de ferro cromado, aço, vidros e corantes, vinha da Europa.

A energia, a princípio hidráulica, passou a ser obtida de hidroelétricas no começo do século, ao mesmo tempo que se ampliava a rede de estradas de rodagem e surgia a ferrovia como marco da nova fase industrial.

Tipo de construção, bastante utilizada na região, se caracteriza pelo grande volume de área construída horizontalmente.

Com a 1a. guerra mundial, consolida-se este processo de industrialização devido à paralisação dos mercados europeus e à necessidade de produzir no Brasil os artigos importados.

Na propriedade rural modifica-se a divisão do trabalho. Um ou mais membros da família passam a trabalhar na fábrica, a produção do lote diminui. Surge a figura do colono-operário.

As indústrias se espalharam pela área colonial mas não fizeram desaparecer as características camponesas do sistema.

A urbanização, de forma alongada, é um processo concomitante à perda de importância da colônia e deve-se princi-

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

Casas do início do século, com arquitetura mais elaborada.

palmente à subdivisão das propriedades agrícolas mais próximas da vila.

Nas pequenas cidades, antes das transformações urbanas do século XX, a paisagem construída era dominada por construções em enxaimel, marcada por casas individuais, ajardinadas com afastamento uma das outras em ruas largas. Com o crescimento urbano este aspecto quase rural vai gradativamente sendo substituído por novos padrões de ocupação do solo e formas arquitetônicas mais recentes, resultando desta combinação a tendência ao aglomerado nos centros das antigas cidades.

Casas do início do século, com arquitetura mais elaborada.

Técnicas construtivas artesanais vão sendo substituídas por uma arquitetura mais elaborada segundo padrões formalistas de inspiração neoclássica e suas variações, até atingirem os modelos atuais.

Conjunto de casas, de uso residencial e comercial, que foram bastante utilizadas nas ruas principais das cidades no início do século.

De todas estas formas arquitetônicas, algumas, por suas características de traços marcantes de influência alemã, só são encontradas nessas regiões. Há outras, no entanto, que são conseqüência de um processo de assimilação, as quais podemos encontrar também em áreas, por exemplo, de povoação luso-brasileira.

No processo evolutivo dos sistemas construtivos de áreas de colonização alemã no espaço catarinense, houve inicialmente nas cidades a substituição das construções em enxaimel por pequenas casas de moradia, cujo aspecto, quanto à dimensão e configuração, é semelhante às casas em enxaimel.

A particularidade construtiva dessas casas está na sua estrutura: paredes finas de tijolos, rebocadas em ambos os lados. Nas fachadas são utilizados adornos de estuque, e nos cantos saliências simulando pilares. Janelas com vergas retilíneas ou curvadas. Varandas frontais, aberturas nos telhados, acima da porta principal, são algumas das características deste

Casas "Tipo Mansarda".

Casas "Tipo Mansarda".

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

Casas "Tipo Mansarda".

Configuração dos espaços urbanos e rurais de aspecto regional (Avenida Beira-Mar, Blumenau).

tipo de construção.

Mais adiante, apareceram as construções de **grande porte com grande quantidade de área construída**. Pertenciam, normalmente, às camadas mais ricas, que as utilizavam como moradia e local comercial. Nesta categoria incluem-se as **construções com dois pisos** e meio situadas nas ruas principais das cidades, cuja forma básica e sempre um retângulo, e que se caracterizam por possuir uma enorme quantidade de aberturas, colocadas de forma simétrica.

Ainda como construções de grande porte, estão as casas de **piso e meio**, localizadas muitas vezes nas redondezas das cidades em pontos privilegiados de acesso, em grandes terrenos. Sua principal característica é o grande volume de área construída horizontalmente.

Configuração dos espaços urbanos e rurais de aspecto regional (Rua XV de Novembro, Blumenau).

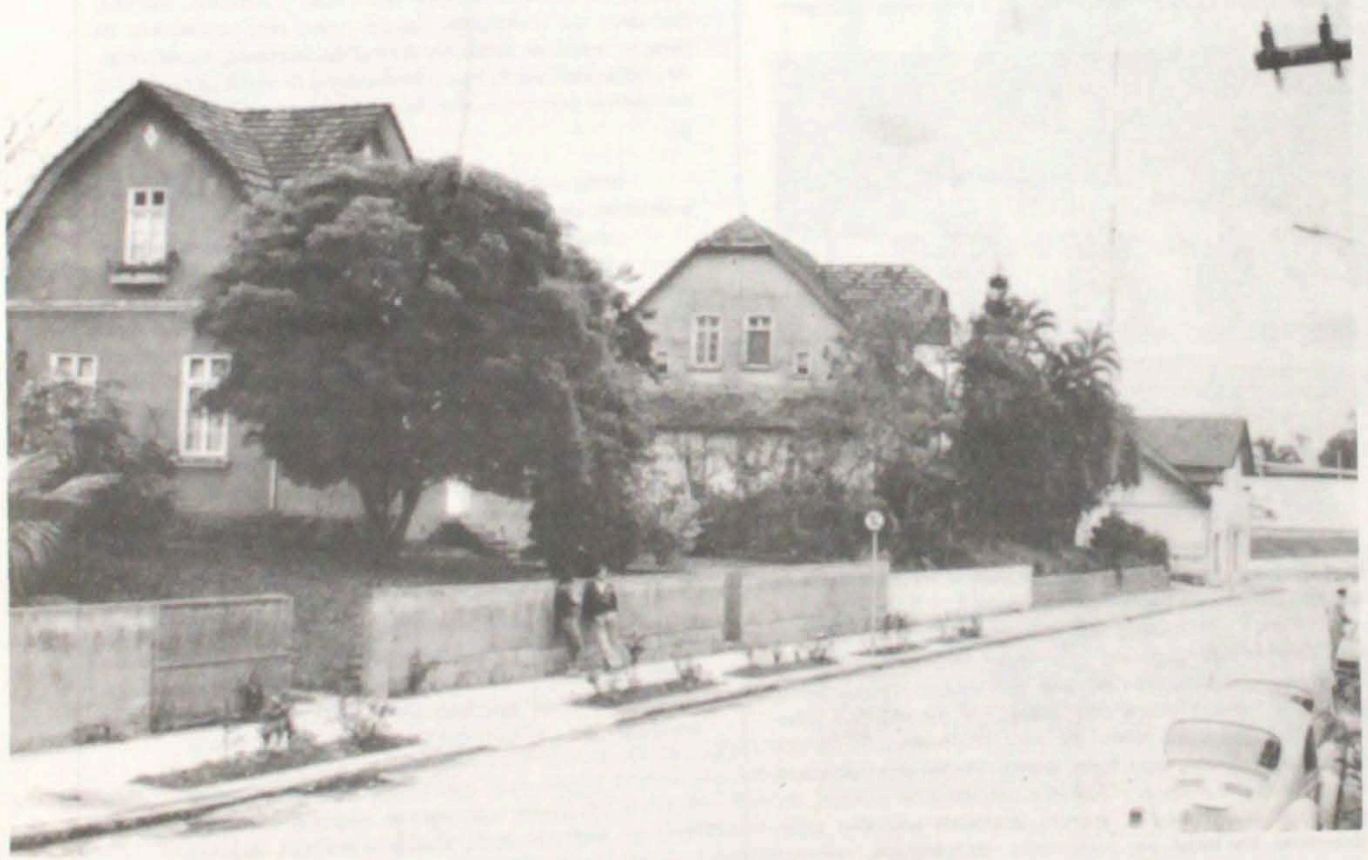
Mais recentemente, as casas **tipo mansarda** de função exclusiva para moradia ganharam uma enorme difusão nestas áreas. São caracterizadas por seus telhados, os quais por alterações na sua inclinação permitem o amplo aproveitamento do andar superior.

Tanto a **paisagem urbana** como **a rural** nas áreas de colonização alemã ainda apresentam uma **configuração de espaço construído que as diferenciam de outras regiões do Estado e do País.** Muitas vezes essas diferenças não exprimem um tipo particular de arquitetura e sim detalhes construtivos especiais de influência alemã que são responsáveis por uma arquitetura de aspecto regional.

Telhados cortados, grandes aberturas nas coberturas, tratamento especial nas fachadas de esquina são alguns destes elementos configurativos que se reproduziram em toda a área de colonização germânica.

Com o passar do tempo, cada vez mais devido à invasão de outros métodos construtivos, através de grupos culturalmente diferentes, estes ambientes têm sido transformados com a perda de uma identidade regional.

É preciso, no entanto, que se repense nestas áreas e nas medidas de proteção e conservação deste acervo antes que haja uma substituição total de formas e elementos configurativos de influência alemã por uma arquitetura **predominantemente nacional** ou **simplesmente a utilização de adornos** nas fachadas imitando a aparência de certas construções européias.



Casas "Tipo Mansarda".

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

"SOMOS DOM QUIXOTE"

Entrevista a Bento Silvério

Edson D'Ávila é secretário de Desenvolvimento Social da cidade de Itajaí, setor que engloba a Educação, a Cultura e a Promoção Social, e é membro da Câmara de Patrimônio Histórico da Comissão Municipal de Cultura. Nesta entrevista, Edson fala do trabalho que está sendo desenvolvido em sua cidade no tocante à conservação do patrimônio, e afirma que esta é uma atividade "de Dom Quixote", pelas dificuldades encontradas.

BDM — O que está sendo feito em Itajaí para preservar o Patrimônio Histórico?

Edson — É preciso, antes, fazer um histórico. As primeiras ações com vista à preservação do patrimônio aconteceram de forma um pouco esporádicas, e sem uma metodologia de trabalho que somasse as iniciativas da comunidade com as das lideranças culturais. Em 1977, com a reestruturação da Comissão Municipal de Cultura e a criação da Câmara de Patrimônio Histórico, elaborou-se um documento básico que recebeu o título de "Itajaí Marco Zero". É um trabalho centrado na região de Itajaí, notadamente na área de início da colonização, e onde estão, logicamente, os monumentos históricos e bens imóveis de valor artístico mais significativo. O documento foi discutido na Comissão e aprovado, e depois remetido ao prefeito para servir de orientador das ações do poder público municipal no tocante à preservação do patrimônio histórico e artístico. Desde então pudemos ter uma ação mais eficiente, e até mais força moral para atuar na comunidade.

Itajaí — "Casa Konder"

BDM — Vocês têm um documento e o apoio do Executivo. E a comunidade, como tem agido e reagido? Existe clima, em síntese, para a realização do trabalho a que vocês se propuseram?

Edson — Podemos dizer que por parte das lideranças culturais, temos apoio incondicional, o mesmo ocorrendo das lideranças políticas. Empresários, com algumas exceções, também. Quanto ao povo, entendido no seu sentido mais amplo, nunca fizemos um trabalho de averiguação, de pesquisa. Mas temos a impressão, pelo que têm demonstrado seus líderes, que também nos apóiam. Afirmamos isso porque a comunidade tem se manifestado a favor de algumas iniciativas nossas, como por exemplo a recuperação e restauração da casa Marcos Konder, onde está se instalando um museu histórico. E a comunidade tem nos cobrado um segundo compromisso, que é o antigo prédio da escola básica Victor Meireles. É um trabalho que vamos realizar em breve tendo em vista a inauguração recente de um novo prédio para aquela escola.

Itajaí — "Casa Konder"

Itajaí — "Casa dos Malburg"

BDM — Existe muito a preservar, em Itajaí?

Edson — Itajaí, inicialmente, foi colonizado por Açorianos. Melhor ainda: bem no início, os colonizadores eram vicentinos. Esse pessoal vinha por diversos motivos: desde à procura de ouro até à captura de escravos. Açorianos chegam logo depois, vindos de São Miguel, Florianópolis, Armação. Esses imigrantes deixaram suas marcas em Itajaí, principalmente na quadra que chamamos de "Zero", que engloba uma porção da rua Lauro Müller e outra porção da rua Pedro Ferreira. Após os Açorianos, a partir da segunda metade do século passado, começa a chegada dos Alemães. Itajaí era, nessa época, a sede da administração de todo o Vale do Itajaí. Muitos permaneceram na foz do rio, no caso, o atual município; outros, penetraram no Vale, mas não se ambientando, retornaram e se fixaram. A partir daí começa uma série de construções significativas, por retratarem um tipo de arquitetura trazida pelo imigrante, adaptada às nossas condições e que marcaram o desenvolvimento urbano de Itajaí. São esses os monumentos que temos para preservar: alguns trechos das ruas Lauro Müller e Pedro Ferreira e estas casas de origem germânica.

Itajaí — "Casa dos Malburg"

BDM — Em Itajaí também existe legislação específica para proteger imóveis típicos ? Há alguma lei de isenção de impostos, como em Blumenau e Joinville ?

Edson — Não, especificamente, como Blumenau e Joinville fizeram, não. Segundo nosso modo de encarar o problema, essa forma de ação adotada por aquelas duas cidades, não consideramos válida para Itajaí. Até me permito dizer que não é válida, do ponto de vista da preservação do patrimônio histórico, para lugar algum. Vemos em iniciativas como as de Blumenau e Joinville um trabalho postiço, do ponto de vista histórico, embora altamente apelativo turisticamente. Em Itajaí, por qualquer dos dois ângulos, histórico ou turístico, não teria sentido uma legislação deste tipo. Temos, isto sim, a partir do documento a que já me referi, um grupo de trabalho dentro da prefeitura, preparando um instrumento legal que vai oferecer à preservação do patrimônio, meios práticos de incentivar os proprietários de imóveis para que ajude o poder público no trabalho de preservação. Isto significa que o proprietário terá uma contrapartida se resolver conservar o seu imóvel. O documento estipula isenção de impostos, e impede certas atividades econômicas que possam desfigurar e danificar o imóvel.

Itajaí — "Casa Konder"

BDM — Você, em Itajaí, é ao mesmo tempo um defensor da preservação e a autoridade responsável pelo setor, ou seja, é o próprio preservador. E as pessoas que estão na posição de defensores do patrimônio alegam que os responsáveis pela preservação não olham o problema com a atenção merecida. Como você se concilia nesta posição ?

Edson — Realmente, minha posição é difícil. Se por um lado sou o animador da preservação, por outro, como representante do poder público, me vejo tolhido, principalmente pela inexistência de recursos financeiros suficientes para atender de pronto a necessidade que o proprietário de um imóvel tem, de preservar e conservar. Oferecemos, então, dentro do mínimo de que dispomos, o máximo: isenção, facilidade de construção noutro lugar, sem necessidade de demolir o imóvel histórico. A posição, portanto, é incômoda. Animo a preservação mas não disponho de todas as condições necessárias para promover de imediato o que divulgo e propago.

BDM — A falta de recursos financeiros é um problema municipal, estadual ou federal ?

Edson — É um problema nacional. Temos que considerar o Brasil como um país com sérias limitações no seu desenvolvimento. Os recursos são sempre insuficientes. Outro problema sério é de mentalidade. Não se tem, ainda, a nível de liderança, uma mentalidade formada de que é necessário preservar o patrimônio artístico e cultural. Quem se põe a lutar por esse objetivo é sempre um Dom Quixote, que fica animando a comunidade e conscientizando as lideranças, às vezes lutando contra moinhos de vento. De qualquer maneira, mesmo vagarosamente, o trabalho está sendo feito. Nessa lentidão, corremos o risco de perder muita coisa, mas é melhor do que perder tudo, ou não recuperar nada. Acredito que o grande trabalho está mesmo a nível municipal. O estado precisa pulverizar muito mais as verbas destinadas ao setor por ter uma abragência geográfica muito grande. Então, a alternativa que aponto e vejo como melhor solução é um entrelaçamento entre as iniciativas municipais aos recursos possíveis a nível estadual. Dessa união poderá resultar um bom trabalho.

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

A IMIGRAÇÃO ALEMÃ E SUA ARQUITETURA

Arq. Günter Weimer

Os "alemães" que chegaram ao Brasil, no século passado, provinham de uma ampla região de falas germânicas da Europa Central, num entorno que hoje compreende as duas Alemanhas, a Polônia, a Suíça, a Áustria, parte da Tchecoslováquia e da França. A maioria veio de uma região chamada Hunsrück que é uma faixa de terra ao sul do Moselle, entre a França e o Reno.

Percentuais significativos vieram da Westfália, no sul da Planície Germânica e da Pomerânia, uma região que fica no norte da atual divisa entre a República Democrática da Alemanha e da Polônia. Era gente oriunda em sua absoluta maioria de pequenas aldeias rurais de vida bastante autônoma e cuja população dificilmente chegava a mil habitantes. Em cada uma destas aldeias desenvolveu-se uma vida introvertida, onde os contatos com o mundo exterior, durante centena de anos eram muito limitados.

Em termos de arquitetura isto significa que todos estes povos desenvolveram seus modelos construtivos a partir de uma origem comum que foram sendo aperfeiçoados muito lentamente. A independência de cada aldeia implicava numa evolução arquitetônica local. A tênue relação entre as aldeias foi de molde a permitir uma arquitetura de características regionais com um grande número de variantes locais.

Tipos de construções encontradas na Alemanha

Acima destas condicionantes, haviam outras de caráter estrutural que impuseram diretrizes globais.

Até a baixa Idade Média, a região ainda estava coberta de florestas. Isto permitiu que se edificasse com madeira maciça, a chamada arquitetura em blocause que consistia na superposição de troncos de madeira levemente aparelhados.

Com o paulatino aumento da densidade populacional e conseqüente aumento do consumo, as florestas, acabaram por não poder suprir a demanda. Isto levou ao aperfeiçoamento da técnica construtiva e ao desenvolvimento da arquitetura em enxaimel que consistia em estrutura portante de madeira aparelhada em que as tramas eram fechadas com materiais tirados do solo (taipa, adobe, pedras, etc).

Tipos de construções encontradas na Alemanha

Mais tarde, com o aumento da demanda, as florestas não puderam prover a população de madeira nem mesmo para as construções do enxaimel e a solução encontrada foi partir para a construção em pedra. Esta transformação foi paulatina. Primeiro se começou a construir "fundações" cada vez mais altas com a superposição de estruturas de enxaimel cada vez menores. Depois todas as paredes externas passaram a ser de pedra e a madeira acabou por ser restringir às estruturas internas.

Entre o século XVII e XVIII começou-se a vulgarizar o uso do tijolo, o ladrilho e a telha cerâmica.

Isto significa que ao tempo das grandes emigrações eram raríssimas as novas construções em enxaimel, que somente pessoas de grandes posses podiam edificar.

Tudo isto significa que no momento em que aqueles poucos emigrantes alemães que vieram a se estabelecer no Brasil (cerca de 2% do total), tiveram imensas dificuldades de se adaptar, não somente por encontrar um meio natural e uma cultura nacional totalmente distintas, mas também porque eles tinham grandes diferenças entre si como línguas, níveis culturais, conjuntos de crenças, etc. Em termos de arquitetura, isto significa que os imigrantes das diversas regiões tinham conhecimentos construtivos distintos. Enquanto os vestfalianos trouxeram as assim chamadas "construções de dois pilares" com um partido geral altamente centralizado,

Tipos de construções encontradas na Alemanha

os renanos conheciam construções de partidos abertos e os pomeranos construíam em torno de um grande vestíbulo central.

Quando se estabeleceram no Brasil, em geral, em regiões cobertas por matas compactas, tiveram de tratar, de início, com sua própria sobrevivência não podendo dispensar maiores atenções à construção das moradias e outras edificações. As construções que chegaram até nossos dias são de uma segunda fase na qual os colonos já estavam plenamente estabelecidos.

Estas construções são extremamente interessantes, porque refletem todo o universo das adaptações internas e externas do grupo. As mais freqüentes são as construções em enxaimel, mas é importante que se sublinhe que não se construiu apenas nesta técnica. Existem construções de pedra – em geral, de arenito – e de tijolos igualmente significativas.

Estas construções tem pouco a ver com as da Alemanha.

Elas demonstram uma profunda revisão dos processos construtivos adotados. Não são uma cópia do que haviam deixado na Alemanha mas uma criação nova, autêntica e ori-

Tipos de construções encontradas na Alemanha

ginal, baseada nos conhecimentos construtivos que haviam trazido e que adequaram ao meio em que viviam. Como habitantes de zonas florestais, fizeram largo uso da madeira. O enxaimel é uma recriação de uma forma construtiva que já havia sido abandonada e que deve ser reaprendida. Por isto ela é característica desta época e só é encontrada nas regiões de imigração alemã no sul do Brasil.

Por tudo isto, estas construções tem um valor documental insubstituível. Elas cristalizam uma forma de vida que já se transformou por completo. Daí a enorme responsabilidade de sua preservação. Se estas construções desaparecerem, desaparecerão com elas todo um legado que veio até nós como uma importante contribuição para a nossa formação como povo.

Lamentavelmente, há hoje uma tendência de imitar estas formas. Isto é a mesma coisa que colocar perucas cacheadas, roupas de babadinhos e lencinhos de renda como se fazia aos tempos de Luiz XV. Nesta imitação depreciamos o autêntico em função do grotesco e o original através do arremedo. Só o original e o autêntico tem valor. O resto é pastiche.

ALGUNS ASPECTOS DA MEMÓRIA CULTURAL DE GRAMADO

O turismo consumista, ao contrário do cultural, alimentado por interesses exclusivamente comerciais e, por vezes, estimulado pelo próprio poder público, vem destruindo os valores autênticos da arquitetura urbana em nosso país.

Cópias deturpadas de formas arquitetônicas ultrapassadas, ou alienígenas, totalmente destituídas de interesse, substituem, já, em várias de nossas cidades, a arquitetura produzida dentro do processo cultural brasileiro.

O verdadeiro sentido da preservação de valores culturais, daqueles que nos identificam com nossas origens e que nos oferecem sensação de segurança diante das mutações violentas que impõem o mundo moderno, está continuadamente sendo transformado em anseios mal assimilados de personalização turística.

E Gramado, envergonhando-se das suas casas de madeira, conseguiu, na feição que induziu às suas novas construções de alvenaria, não mais do que torná-las um equivocado instrumento de promoção social para seus habitantes.

Os referenciais da sua continuidade histórica foram limitados ao campo; e, no espaço urbano, forçando o aparecimento de um "estilo" que lhe emprestasse ares europeus, Gramado acumulou os retalhos de um verdadeiro cenário cinematográfico cujos componentes nada têm a ver com a singeleza e honestidade construtiva dos seus primitivos chalés.

Acolhedoras nas suas varandas e faceiras nos seus lambrequins, estas casas de tábuas, elevadas sobre estrutura de madeira ou agenciadas sobre porões de pedra, são a seguir homenageadas como as mais características da região gramadense.

O traço firme e sensível de Gallina revela, na escolha dos exemplos e no desenho dos detalhes, a paixão do autor pela autêntica paisagem humanizada da serra-acima.

Outubro de 1980.

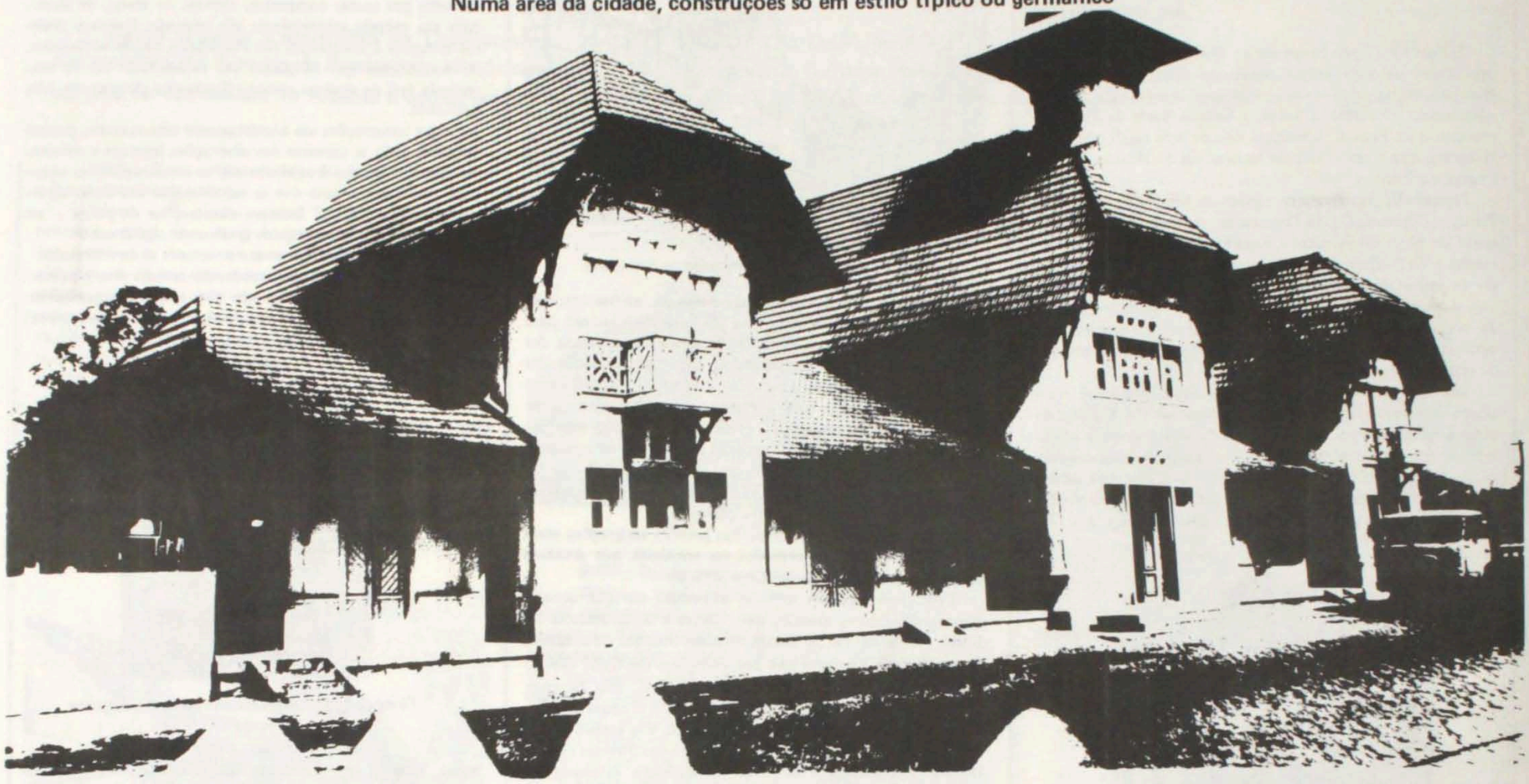
J. N. B. de Curtis.

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

JOINVILLE

Por Bento Silvério

Numa área da cidade, construções só em estilo típico ou germânico



Não menos turística que Blumenau, o executivo da cidade de Joinville foi um pouco mais longe na tentativa de conservar e incrementar as construções em estilo. A Lei No. 1.714, de 5 de dezembro de 1979, cria a "Zona Especial Comercial", que obriga a que todas as construções sejam em estilo típico. Além disso, em Joinville, as construções em estilo também são isentas de impostos.

A propósito do assunto, o prefeito Luiz Henrique da Silveira afirma que "A construção na forma enxaimel é uma técnica que foi trazida pelos imigrantes alemães há 130 anos". Argumenta, portanto, que a cultura deve ser preservada e incrementada.

Segundo o prefeito, quando da colonização, o enxaimel era o sistema de edificação popular e barato, consistindo numa simples conjugação de madeira e tijolo: dois elementos facilmente encontrados na terra que eles, os imigrantes, optaram para lançar novas raízes.

Muitas construções em enxaimel datam, na Alemanha, e ainda segundo o prefeito Luiz Henrique, de mais de 100 anos, como as "que podemos encontrar em Quedlinburg, na hoje República Democrática Alemã. Lá, encontra-se algumas cidades cujas casas quase todas construídas, há séculos, neste sistema, como vi os em Verbigerode e Stolleberg".

O prefeito afirma que há muitas versões equivocadas sobre o enxaimel. Para ele, "o enxaimel não é um estilo arquitetônico. É apenas uma forma de fazer um sistema de construção. Por isso, embora variem os aspectos estéticos, o arcabouço obedece sempre a uma formação geométrica comum a essas

edificações. Também por isso que, numa cidade de colonização germânica, o enxaimel brotou do povo como brota o sistema meia-água. Conservar os imóveis existentes e estimular novas construções nessa sistemática, é antes de tudo um imperativo de exercício da memória histórica", conclui o prefeito.

A legislação de Joinville preserva, portanto, todos os imóveis típicos, independente de serem ou não antigos, sem discutir, por conseqüência, o aspecto histórico. Os estudiosos no assunto asseguram que Joinville nunca foi uma cidade com características marcantes de arquitetura em enxaimel. E chegam a afirmar que o que a municipalidade está fazendo, ao criar uma área da cidade exclusiva para a construção de prédios típicos, não difere muito, comparativamente falando, de um conjunto habitacional, ou comercial, tipo BNH, só que em estilo.

LEGISLAÇÃO

A Lei aprovada pela Câmara Municipal de Joinville e sancionada pelo prefeito, e que estabelece modificações à lei de zoneamento urbano, em seu artigo 5o., afirma: "As edificações na "Zona Especial Comercial Z8–004" serão permitidas, exclusivamente, em estilo germânico ou tradicional". E no artigo 7o., complementa: "A prefeitura Municipal orientará em cada caso, a elaboração de projetos arquitetônicos, mediante solicitação das partes".

Ao contrário de Blumenau, que instituiu isenção de impostos para construções em enxaimel e alpino, a lei número 1.399, de setembro de 1975, sancionada pelo prefeito de Joinville, concede o benefício apenas ao enxaimel. A Lei tem apenas quatro artigos, e tem o seguinte teor:

Artigo primeiro: "Fica o Executivo Municipal autorizado a conceder isenção de imposto predial e territorial urbano às casas de enxaimel, como consideradas pela Comissão Especial para tal fim nomeada pelo Sr. Prefeito municipal". No artigo segundo, fica estabelecido que o benefício será concedido mediante requerimento ao Chefe do Executivo. No artigo terceiro, a lei afirma: "Obtido o favor fiscal de que trata o artigo primeiro, o beneficiado fica proibido de proceder modificações na construção, a não ser as necessárias para a sua conservação e sujeitas estas a prévia autorização da Comissão Especial e do Departamento competente da Prefeitura Municipal". Este artigo possui um parágrafo que afirma que se o beneficiado negligenciar na conservação do imóvel, a Comissão Especial, mediante parecer fundamentado, poderá pedir a revogação do benefício, que deverá contar com a aprovação do Prefeito. Essa Lei foi assinada pelo antecessor do atual prefeito, Pedro Ivo Figueiredo de Campos.

Assim, ao contrário de Blumenau, que está incentivando o aparecimento do neo-enxaimel, Joinville pretende preservar o que sobreviveu ao tempo e ao progresso. E, como Blumenau, também está oferecendo condições para que as casas típicas voltem à paisagem urbana. Por último, foi mais longe: criou uma área específica onde as construções só serão autorizadas se em estilo típico. Uma tentativa, talvez, de recriar **numa área, a cidade como ela era há muitos anos.**

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

BLUMENAU

Por Bento Silvério

ENXAIMEL PARA TURISTAS

A arquitetura em enxaimel e estilo alpino foi implantada em Blumenau pelos pioneiros, fundadores da cidade. **Algumas destas construções sobrevivem ao tempo e ao progresso.** Mas, se por um lado o desenvolvimento urbano fez com que muitas casas típicas fossem derrubadas, uma lei recente assinada pelo prefeito da cidade, Renato de Mello Vianna, deu condições especiais para o aparecimento de construções modernas em estilo típico. Contudo, essas construções, chamadas por alguns de neo-enxaimel, visam muito mais o aspecto econômico, com a atração de turistas, que a preservação de cultura e do patrimônio histórico.

Blumenau sempre foi uma cidade com forte atrativo turísticos, não só pela cultura alemã que transpira e conserva, como pela aparência e produtos de suas fábricas, que vão desde finos cristais aos felpudos e malhas. Todo turista que visitava, e mesmo hoje, não deixa de posar para uma foto diante de duas construções: **a loja Husadel,** em estilo alpino, e a cervejaria **Ein Prosit,** esta última logo na entrada da cidade. Diante deste fato, o prefeito decidiu, após alguns estudos, que incentivar construções típicas poderia ser um bom negócio. E está sendo. Para os comerciantes, porque ganham isenção de impostos; para a prefeitura, porque com a vinda de turistas, arrecada mais; e para os turistas, que têm muito mais para ver e fotografar. Além disso, para os visitantes, fica mais característico comprar numa loja de arquitetura típica.

PESQUISA

Em tese de doutorado em arquitetura, o professor e arquiteto alemão Franz-Theodor Hansen afirma que entre os primeiros pioneiros não havia pedreiros. Por isso, as primeiras casas blumenauenses foram construídas sem qualquer esquema trazidos da origem germânica. Foi misturando o que a memória guardava com a arquitetura colonial alemã, e com os materiais disponíveis, que nasceu o enxaimel brasileiro.

Hoje, continua o professor em seu trabalho sob o título

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

de "Influências do estilo alemão na arquitetura das colonizações germânicas do nordeste catarinense", o enxaimel como foi criado perdura especialmente na zona rural e, junto com ele, coexistem outros estilos, mais característicos dos burgos que, no vale do Itajaí, assumiram algumas soluções de outras arquiteturas, como a portuguesa do Itajaí, ensejando o aparecimento de casas com telhado alpino e arcados na varanda. Arco e varanda são, pois, dois elementos novos à arquitetura típica.

Aos estudos do professor Hansen, que compreenderam duas viagens ao Brasil e anos de pesquisas em Blumenau, Joinville e Brusque, somam-se as observações que vem fazendo o arquiteto Cláudio Hurbe. Há alguns meses ele se lançou na pesquisa sobre a reintegração do enxaimel e a aplicação desta forma arquitetônica, que se intensificou desde que, há quatro anos, o prefeito Renato Vianna regulamentou lei concedendo incentivos fiscais a quem construísse casas típicas.

Diz o arquiteto Hurbe que "Blumenau se está sedimentando como dona de um **modus vivendi** coerente e sua arquitetura, deixando de lado o dividendo turístico que ela produz, constituindo-se, sem dúvida, na busca de identificação de uma cultura com sua origem". No entanto, chama a atenção para outro aspecto, ao afirmar que esta arquitetura que se está tentando redescobrir, corre o risco de, na tentativa de se aproximar de suas origens, dela se afastar, pois "não é fácil tentar uma convivência feliz entre a cidade do século XX, com seu concreto, vidro temperado, ar condicionado, com a arquitetura colonial.

PARA TURISTAS

De qualquer forma o objetivo do prefeito de Blumenau, (Preservar as tradições e humanizar a cidade, chegando a ponto de embargar diversos espigões projetados para serem construídos no centro) estão sendo perseguidos. Ao mesmo tempo, é claro, a cada ano que passa mais e mais turistas vão à cidade, fotografam e compram.

As casas Pernambucanas, no ano passado, reformaram a fachada de sua filial da rua XV de Novembro, esquina com Floriano Peixoto. A partir de então, as vendas, segundo o gerente Afonso Heuser, triplicaram. Aproveitando a isenção de impostos, os bancos Itaú, Bradesco, Unibanco, Banestado, Banespa e Econômico – este último já funcionando – anunciaram projetos de construção de novas agências em estilo típico. Hugo Loth, um dos proprietários de uma carpintaria que faz o madeirame para construção típica, afirma já ter mais de 200 clientes cadastrados, e muitos projetos encomendados. E o prefeito Vianna, para provar que acredita no enxaimel que está propiciando, encomendou um projeto para a **nova prefeitura da cidade,** já quase concluída, que passará a ser o maior prédio em estilo do município, com 10 mil metros quadrados.

A Lei sancionada pelo prefeito Vianna leva o número

2.262. No artigo primeiro, o documento afirma: "Fica o Executivo autorizado a conceder favores fiscais às edificações que forem construídas dentro do perímetro urbano de Blumenau, para fins comerciais, residenciais, isolados ou conjuntamente, e que apresentarem os estilos arquitetônicos típicos conhecidos como Enxaimel e Casa dos Alpes, nas seguintes bases: a – 50% do Imposto Predial Urbano para edificações residenciais; b – 1/3 do IPU para as edificações destinadas ao comércio, obedecendo ao critério de lançamento estabelecido pelo Código Tributário do Município.

No artigo segundo, o decreto fixa o período de 10 anos, contados da data de expedição do habite-se como prazo de vigor das isenções previstas no artigo primeiro. Além disso, a Lei estabelece que todas **as construções, para serem enquadradas nos benefícios** previstos, deverão primeiramente serem examinadas por uma comissão composta de um arquiteto, um engenheiro civil, um economista e o chefe de gabinete do vice-prefeito.

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

INFORMAÇÃO

ENTIDADES CULTURAIS DE PESQUISA EM MUNICÍPIOS DE COLONIZAÇÃO ALEMÃ

MUSEU NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO
– Av. Rio Branco, 229 – JOINVILLE
CASA FRITZ ALT
– RUA AUBÉ – BOA VISTA JOINVILLE
MUSEU DA FAMÍLIA COLONIAL
– Rua Duque de Caxias, 64 – BLUMENAU
MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM
– Rua Otto Renaux, BRUSQUE
MUSEU DA IMIGRAÇÃO CONDE D'EU
– Instituto São José – ORLEANS
MUSEU MUNICIPAL DE SÃO BENTO DO SUL
FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU
SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE
ARQUIVO HISTÓRICO
– Rua Lauro Müller – JOINVILLE
MUSEU FRITZ MÜLLER
– Rua Itajaí, 2195 – BLUMENAU

BIBLIOGRAFIA

– CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Brusque**. São Paulo, Gráfica da Revista dos Tribunais, 1958. 327 p.

– D'AMARAL, Max Ravares. Contribuição à História da Colonização do Vale do Itajaí. **Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense**. Florianópolis, **2** : 251–273. out. 1948.

– D'AQUINO, Ivo. **Nacionalização do Ensino em Santa Catarina**; aspectos políticos. Florianópolis, IOESC, 1942. 179 p.

– DUARTE, Manoel. **Os allemães no Brasil**. Rio de Janeiro. Typografia do Jornal do Comércio. 1916. 37 p.

– FERRAZ, Paulo Malta. Apontamentos para a história da colonização de Blumenau. **Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense**. Florianópolis, **2** :277–325. out. 1948.

– FUCKER, Carlos. História de Joinville; subsídios para a crônica da colônia Dona Francisca. 2. ed. Joinville, Impressora Ipiranga, 1965, 462 p.

– GOTTFRIED, Entres. **Gedenkbuck zur Jahrhundert feier deutdscher Einwnderung in S. Catarina**. Florianópolis. Livraria Central. 1929. 300 p.

– JAMUNDÁ Theobaldo Costa – **Um alemão Brasileiríssimo – o Dr. Blumenau**. Curitiba, Impressora Paranaense. 1966. 115 p.

– HANSEN, Franz Theodor. **Staditische Planunung und Architekturformen in Nordosten Santa Catarina, Süc Brasilien**. Aachen. oktober 1978. 200 p.

– HILLESCHEIM, Anselmo Antônio. **O Crescimento do Mercado Interno numa Colônia do Império**; o caso de Blumenau 1850–1880. Florianópolis, UFSC – 1979. 86 fls. – Dissertação de Mestrado em História.

- JAMUNDÁ. T. C. **Indaial**; município do Vale do Itajaí-Açu. 1943. 113 p.

– JAMUNDÁ, Theobaldo. **Theagá**. Florianópolis, IOESC. 1977. 143 p.

– LAGO, Paulo Fernando. **Santa Catarina – Dimensões e Perspectivas**. Porto Alegre. EMA, 1978. 349 p.

– LOCH, Cenilde. **Ação Colonizadora de Caetano Pinto Junior e a Colônia Grão Pará**. Porto Alegre, PUC, 1978. 192 fls. – Dissertação de Mestrado em História.

– MAMIGONIAN, Armen. **Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau**. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia. 1966. . . separata da **Revista Brasileira de Geografia**, 27 (3) : 385 – 481, Jul. – set. 1965.

– MIRA, Crispim. **Os allemães no Brasil**. Rio de Janeiro. Typografia do Jornal do Comércio. 1917. 66 p.

– PAIVA, Joaquim Gomes Oliveira e. **A Colonização de São Pedro de Alcântara**. Florianópolis, Tipografia Madeira, 1929.

– PIAZZA, Walter Fernando. **Atlas Histórico do Estado de Santa Catarina**. Fpolis, Depto. de Cultura – SEC. 1970. 103 p.

– SCHADEN, Francisco S. G. **Notas para a Histôria da Localidade de Loffelscheidt**. São Bonifácio. Publicação autor. 1946. 32 p.

– SCHMIDT, Elzeário O. F. M. **A primeira comunidade alemã em Santa Catarina**. 1829–1979. Florianópolis, IOESC. 1979. 50 p.

– SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. **A Formação das primeiras sociedades na colônia D. Francisca**; hoje Joinville, Joinville. 32 p.

– SEYFERT, Giralda. **A Colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim**; um estudo de desenvolvimento econômico. Porto Alegre, Movimento. 1974. 159 p.

– SILVA, J. Ferreira da. **A Colonização do Valle do Itajahy**. Blumenau, 1932. 32 p.

– SILVA, J. Ferreira da. **História de Blumenau**. Florianópolis, EDEME, 1972. 380 p.

– SILVA, J. Ferreira da. **O Dr. Blumenau**. Rio de Janeiro, Estabelecimentos Gráficos Apollo. L. Fernandes e Irmão, 1933. 129 p.

– SILVA, Zedar Perfeito da. **O Vale do Itajaí**; documentário da vida rural. Rio de Janeiro. Ministério da Agricultura. 1954. 185 p.

– SOUTO, Américo Augusto da Costa. **Uma tentativa de História Econômica Regional**; a indústria de Blumenau e a exportação – importação de Santa Catarina. 1930 – 1939. Florianópolis, UFSC. 1974. 73 fls. – Tese de Docente Livre em História.

– STULZER, Aurélio. **O primeiro livro do Jaraguá**. Niterói, Vozes. 1973. 295 p.

– WEIMER, Günter. **A arquitetura da Imigração alemã**; um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro européia ao meio rural do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. PUC. 1980. 470 p.

Álbum histórico do centenário de Joinville 1851–9 de março 1951. Curitiba, Gráfica Mundial. 1951. 324 p.

Centenário de Blumenau 1850–2 de setembro de 1950. Rio de Janeiro. 1950. 524 p.

Os alemães nos estados do Paraná e de Santa Catharina 1829 – 1929. s.n.t. 235 p.

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA